

Ostra Aberta: A Arte tecendo uma nova cidade

Aureo Guilherme Mendonça¹

Resumo

Esta é uma reflexão sobre a cidade transpassada por manifestações artísticas que alteram o próprio locus urbano. O viés transgressor da arte subverte os olhares que passam a descobrir uma nova pólis sob o tecido carcomido do nosso efêmero e desalentado cotidiano. O Projeto Ostra Aberta propõe estabelecer situações de estranhamento que estimulem os passantes a interromperem o seu circuito habitual e repensem suas relações com o espaço urbano.

Palavras-chave:

Arte; Espaço urbano ; Rede

Abstract

This is a reflection on the city crossed by artistic events that alter the very urban locus. The bias transgressor of art subverts the looks that are discover a new Polis under the carcomido fabric of our ephemeral and despondent. The Ostra Aberta Project proposes to establish situations of estrangement that stimulate the passers-by to interrupt your usual circuit and rethink their relationships with the urban space.

Keywords:

Art; Urban space; Web

¹ Professor da Universidade Federal Fluminense – UFF
Doutor em Literatura Comparada – Letras\ UFRJ
Coordenador do GEPAT (Grupo de estudo e pesquisa em arte e tecnologia)
GT Comunicação e Cidade

Ponto 1: Vamos iniciar essa nossa discussão reafirmando o caráter transgressor da arte, as linguagens cifradas que permitem o acesso em novos espaços, expandindo e alterando nossas visões de mundo. A arte sempre atuou nessa margem fronteiriça e para ela o virtual é condição necessária de sua própria existência. Como materializar a obra sem trançá-la com o sonho, com o delírio, com as fontes primárias do desejo? A concepção heideggeriana do desvelamento do mundo privilegia esse papel único da arte sobre qualquer outra forma de produção humana. Também Maurice Blanchot em seu estudo sobre o conceito do fora no âmbito da literatura apresenta esse lugar errático para onde desliza o ambiente da ficção literária. Poder intercambiar esses espaços do dentro e do fora permitem aguçar a visão que temos do mundo. Apenas a arte consegue transbordar o real para além de si mesmo o transformando em sua própria idealidade. E todos somos cúmplices dessa idealidade quando vivemos intensa e cotidianamente os interstícios da arte. Para Jacques Rancière o principal contraponto da arte está no que ele chama de a “partilha do sensível” em que através do seu próprio trabalho o artista pode superar os limites impostos pelos inúmeros poderes que procuram manter a hegemonia decisória nas mãos das elites instituídas. “O real precisa ser ficcionado para ser pensado” (RANCIÈRE, 2009, p. 58). E esse potencial imaginário, que está no cerne do trabalho artístico é o que pode virar a página de uma história sequencial e de pervertida concepção linear e tautológica. Ao “ficcionalarmos” o real estamos procedendo o ato de dobra desse real, para usarmos agora um conceito deleuzeano, e a partir desse gesto o mundo se transfigura e conseguimos enxergá-lo em sua totalidade. Pensar o tecido urbano hoje é imaginá-lo nas possibilidades infinitas das muitas redes que a arte trança em seu espaço público.

Ponto 2: Para além desse espaço urbano e de certa forma coabitando com ele temos hoje também o infoespaço. É como se o mundo tivesse dobrado e uma parte permitisse a nossa presença permanente e desafiando princípios até então caros ao senso comum,

como não poder ocupar dois lugares ao mesmo tempo ou a concepção apenas cronológica do tempo. A ubiquidade e o atravessamento do discurso temporal são hoje possíveis a partir das novas tecnologias digitais. A web é uma face revolucionária do século XXI e já está incorporada aos nossos mecanismos de apreensão do conhecimento. Temos no entanto clareza de que não estamos diante de nenhuma panaceia de cunho tecnológico, pois todos sabemos os inúmeros problemas que circulam na rede: ausência de privacidade com enorme acesso dos sites norte-americanos sobre nossas informações pessoais e algumas vezes de instâncias governamentais, como foi o caso recente envolvendo a presidente Dilma e o cancelamento da sua viagem para Washington como forma de retaliação ao governo Obama, que não deu explicações convincentes sobre os fatos apresentados pelo site Wikileaks. Também reconhecemos que os estudos que vem sendo realizados no campo da neuroplasticidade apontam tanto para qualidades quanto para problemas no uso da internet e as consequências podem ser desastrosas, com dificuldade crescente na capacidade de concentração com evidente prejuízo para a leitura convencional de livros. Uma geração com grande capacidade em se ligar a múltiplos universos ao mesmo tempo (os links dos hipertextos), mas com enormes dificuldades em se aprofundar em um assunto específico. Mas mesmo essas questões, assim como outras não elencadas aqui, não são, de modo algum, insuperáveis. Para a questão das agressões à nossa privacidade temos a luta já em andamento de nos protegermos com códigos criptografados e exigirmos que as instituições governamentais façam o contrário, ou seja, tornem transparente suas informações, especialmente quando tratam de uso da verba pública para que a sociedade possa exercer um justo controle sobre seus representantes políticos, sempre muito propensos a utilizar o dinheiro público em proveito próprio. Com relação ao campo da neuroplasticidade, podemos pensar em regularmos melhor nosso tempo na internet e buscarmos o equilíbrio nessa relação dos espaços virtual e real. Quando verificamos a onda crescente pelo mundo dos movimentos populares nascidos nas redes sociais podemos confirmar a importância dessa dosagem equilibrada, pois as pessoas envolvidas se comunicavam nas redes para se encontrar depois nas ruas e praças que foram tomadas como poucas vezes se viu antes. Manuel Castells expôs essa questão muito bem: “A internet põe as pessoas em contato numa ágora pública, para expressar suas inquietações e partilhar suas

esperanças. É por isso que o controle dessa ágora pública pelo povo talvez seja a questão política mais fundamental suscitada pelo seu desenvolvimento”. (CASTELLS, 2003, p. 135). Cada vez fica mais clara a nossa necessidade de retomarmos nossas ruas e praças e a internet tem facilitado e estimulado as ações nessa direção. Ao contrário do que o senso comum tem alardeado com relação às redes, elas tem propiciado a união das pessoas para além do plano apenas virtual, através da internet marcam-se encontros, idas ao teatro e também se organizam os movimentos populares. Um novo mapeamento social tem sido elaborado a partir das redes e nele o espaço público parece retomar o seu papel de agregador social, ou seja, as redes não eliminaram o convívio como muitas vezes se propala, ao contrário elas possibilitaram novas formas de interação social, recuperando um movimento que já parecia perdido entre as pessoas e atingindo um patamar que parece questionar o individualismo capitalista, esquizofrênico, quando estabelece compromissos de caráter coletivo. Mais uma vez recorro a Castells:

Nesse contexto, a comunicação de valores e a mobilização em torno de significados tornam-se fundamentais. Os movimentos culturais (no sentido de movimentos voltados para a defesa ou a proposta de modos específicos de vida e significado) formam-se em torno de sistemas de comunicação – essencialmente a internet e a mídia – porque é principalmente através deles que conseguem alcançar aqueles capazes de aderir a seus valores e, a partir daí, atingir a consciência da sociedade como todo. (CASTELLS, 2003, p.116)

Consideramos que devemos partir da premissa de que estamos em uma nova etapa da existência em que compartilhamos de um universo maquínico e que devemos buscar os mecanismos de apreensão dessas novas tecnologias para nos apoderarmos coletivamente de seus resultados. Quando falamos hoje em inclusão digital é exatamente dessa questão que estamos pensando, em que podemos assumir o protagonismo dos meios de produção e distribuição das informações. E esse não é um processo tão simples como muitas vezes aparenta, é necessário que desenvolvamos mecanismos de compreensão e apropriação dessas técnicas. Para Steven Johnson “clique nos links de outra pessoa pode ser menos passivo que o velho e sedentário hábito de surfar canais, mas até que os usuários possam criar seus próprios fios de associação, haverá poucos desbravadores genuínos na internet.” (JOHNSON, 2001, p. 92)

Ponto 3: Penso a cidade como um ente atravessado pela pólis e que se sente em dívida com essa antecessora da antiga Grécia. Não temos os compromissos garantidos pelos cidadãos gregos para que a cidade-estado funcionasse adequadamente. Temos sido um aglomerado de indivíduos desvinculados de uma verdadeira atuação cidadã. As questões ambientais não parecem nos afetar ou nos dizer respeito, afinal o lixo que eu deixo à minha volta na praia é uma quantia irrisória perto do desmatamento da Amazônia. Por outro lado o Estado tem sido cooptado pelos grandes conglomerados globais, que acabam decidindo os destinos da cidade. Os impostos pagos não parecem ter o destino que deveriam. A cidade é obscura em seus propósitos e os cidadãos caminham Tateando na névoa seca da desesperança. E tememos sempre acabar como Zora, “que definiu, desfez-se e sumiu. Foi esquecida pelo mundo”. (CALVINO, 1990, p. 20) É sempre bom lembrarmos que as cidades não são feitas apenas de pedras, mas também são construídas de sonhos, de esperanças, de devires. Sob uma cidade sempre se oculta outra e outra e mais outra, como as diversas Tróias que subiam à superfície, esguichos de baleias, para respirar seus antigos desejos.

As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam outra coisa. (CALVINO, 1990, p. 44)

Traçar uma cidade é assim uma tarefa árdua, pois o seu caráter múltiplo provoca encontros e desencontros inevitáveis. Tempo e espaço provocam camuflagens que distorcem o nosso olhar e deságuam em respostas nem sempre acertadas. Somos reféns desse tecido urbano rugoso e rizomático porque ficamos enleados em sua rede e não encontramos as possíveis saídas. Hoje a cidade é simulada também nos jogos digitais, todas as suas partes são construídas para atender a vida dos habitantes virtuais, que exigem saúde, educação, trabalho (ou só uma fonte de renda) e lazer. Uma cidade hipotética que serve de espelho para a cidade concreta. Enfim, podemos dizer que a cidade é um espaço de constante aprendizado e que além de múltipla ela nos indica os possíveis caminhos para habitá-la sem perde-la.

Ponto 4: O projeto “Ostra Aberta” se configura como um trabalho de pesquisa e extensão do Curso de Produção Cultural do campus da UFF da cidade de Rio das Ostras e tem como premissa fundante propiciar situações de estranhamento, a partir de eventos artísticos, que interrompam o fluxo usual das pessoas e induzam a momentos de reflexão sobre nossas relações com o espaço urbano e as múltiplas possibilidades de reapropriação desse espaço como locus de produção de novas formas de interação social. Ao pensarmos a arte como desveladora do mundo, pela ótica da estética heideggeriana, estamos diante desse ato de despir a cidade e fazê-la se conhecer a si mesma através de ângulos completamente inusitados. Estamos hoje, no Brasil, ocupando as ruas em movimentos políticos nascidos nas infovias, consideramos que a arte pode ser um prolongamento desse apoderamento do espaço público como se fizéssemos uma releitura do nosso entorno e descobríssemos que sob a cidade sempre habitou uma pólis que lutava para se revelar em toda a sua potencialidade criadora. À equipe de alunos selecionada para participar da equipe de pesquisa e produção do “Ostra Aberta” cabe também a tarefa de interagir com os passantes e buscar entender as razões que provocaram nosso gradual distanciamento das ruas da cidade no plano de sentir o local, conviver de fato com ele, ao invés de apenas transitarmos de um ponto ao outro como se estivéssemos sempre em busca de algo perdido em nossas vidas. Com a Prefeitura como parceira pretendemos também envolver as Secretarias de Educação, de Turismo, de Ciência, Tecnologia e Inovação e também a Fundação de Cultura, para ampliarmos o campo de ação da pesquisa e o grau de envolvimento de todas as pessoas atingidas pelo trabalho do “Ostra Aberta” durante os quinze dias do evento. Esse projeto é, atualmente, produto gerado pelo GEPAT (Grupo de Estudo e Pesquisa em Arte e Tecnologia) o que aponta para o desdobramento também de experiências com arte digital sobre as paredes da cidade, e que depende apenas de conseguirmos estabelecer parcerias com os segmentos fornecedores da tecnologia necessária para esse fim. Pensamos especialmente nos trabalhos de grafite digital em que podemos unir as novas tecnologias com a poética urbana nascida das periferias da cidade. Esse processo ondulante de estar dentro e fora é um percurso bem contemporâneo quando se debate arte e suas interações com o público. Ao mesmo tempo buscar ressonância para a questão da reapropriação do espaço público nos parece matéria de vital interesse em uma sociedade cada vez mais vigorosamente privatista.

Referências Bibliográficas

1. ASSANGE, Julian. *Cypherpunks: Liberdade e o futuro da internet*. São Paulo: Boitempo, 2013.
2. BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
3. CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia de Letras, 1990.
4. CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
5. DELEUZE, Gilles. *A dobra: Leibniz e o Barroco*. Campinas: Papirus, 1991.
6. FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2011.
7. HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 1999.
8. JOHNSON, Steven. *Cultura da interface: Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
9. LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
10. RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: Estética e política*. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2009.
11. _____. *O inconsciente estético*. São Paulo: Ed. 34, 2009.
12. _____. *Políticas da escrita*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.